



MUFID MAJUN / UNSPLASH



**O SARS-CoV-2 é mais transmissível que o *influenza*, mas ambos se propagam por via aérea**

## PANDEMIA

# Flurona: risco mede-se pelo estado de saúde do doente e se foi vacinado

O novo termo da era pandémica designa a infecção conjunta de covid-19 e de gripe. A OMS já veio dizer que os dois vírus não partilham informação e que, por isso, a hipótese de evoluírem para uma variante mais perigosa não aumenta. Vacinar contra as duas doenças é a palavra de ordem

**Graça Henriques**

graca.henriques@novolapaneews.pt

**Ó**micron, beta, alfa, delta, lambda, teta, iota... são quase duas dezenas as variantes de SARS-CoV-2 conhecidas e cujos nomes passaram a fazer parte do léxico comum. Chegou agora o termo "flurona", que não designa uma variante, mas sim a infecção conjunta de covid-19 e de gripe. O baptismo resulta da junção das palavras *flu* (gripe em inglês) e *corona*. Ainda existem dúvidas sobre as consequências desta dupla infecção, porque ter duas doenças é sempre mais grave do que ter uma, mas há um factor que atenua: sendo ambas do foro respiratório, afectam o mesmo órgão.

"O problema que se coloca é o de a acção dos dois vírus que actuam no sistema respiratório poder conduzir a um quadro clínico que seja exacerbado por termos duas doenças ao mesmo tempo", refere Miguel Prudêncio, investigador principal do Instituto de Medicina Molecular.

O epidemiologista Ricardo Mexia refere, por outro lado, que, ao contrário de uma pessoa que possa ter juntamente tuberculose e HIV, neste caso, tratando-se de infecções respiratórias, irão afectar o mesmo

órgão. O também presidente da Associação Nacional de Médicos de Saúde Pública não descarta, contudo, que lidar com duas infecções é mais difícil do que resolver uma.

A flurona saltou para as bocas do mundo quando, no dia 2 de Janeiro, Israel anunciou uma co-infecção de covid e de gripe numa grávida não vacinada, que teve alta por não apresentar sintomas graves. Os primeiros casos de flurona terão sido, contudo, detectados nos Estados Unidos já no ano passado. Em Portugal, no início desta semana, o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA) não tinha registos de casos de infecção simultânea pelos dois vírus. Segundo o INSA, a testagem

A palavra *flu* (gripe, em inglês), conjugada com *corona*, resultou na expressão "flurona", que já anda nas bocas do mundo depois de Israel anunciar um caso

de SARS-CoV-2 e da gripe é realizada paralelamente em todas as amostras do programa nacional de vigilância da gripe e de outros vírus respiratórios.

A circunstância de se ter diferentes vírus respiratórios em circulação pode determinar a infecção por dois vírus ao mesmo tempo. Mas as consequências clínicas que daí podem advir, ressalva Miguel Prudêncio, estão dependentes de vários factores, nomeadamente o estado geral de saúde do infectado, a idade e estar ou não vacinado.

### Vacina, a grande barreira

De que forma se traduz a gravidade da doença? "Obviamente, ter duas doenças é sempre pior que ter uma, o grau de gravidade daquilo que podem ser as consequências vai depender muito da robustez e do estado vacinal da pessoa."

Por isso, o investigador do IMM faz questão de sublinhar a existência de vacinas contra a covid e gripe. "Sabemos que ambas são barreiras de protecção para as formas mais graves das doenças. Se tivermos duas barreiras instaladas, em princípio, as consequências em termos do impacto clínico serão menores do que se não tivermos nenhuma."

A probabilidade de a co-infecção existir depende também do contexto epidemiológico de cada região. "Haverá zonas onde há mais transmissão de um ou de outro vírus ou onde os dois estão em grande quantidade", afirma ainda.

Embora o SARS-CoV-2 seja mais transmissível que o *influenza*, certo é que ambos se propagam da mesma forma - por partículas expelidas pela via aérea - e os sintomas são muito semelhantes.

Tanto Ricardo Mexia como Miguel Prudêncio alertam que, como em qualquer infecção, a probabilidade de sermos infectados é tanto maior quanto menor são as nossas defesas imunitárias.

Mas Prudêncio desdramatiza: "Não é razão para entrar em pânico, existem vários vírus em circulação e há métodos não farmacológicos que nos protegem, como o uso da máscara."

A Organização Mundial de Saúde optou também por suavizar a questão. O epidemiologista da OMS Abdi Maham explicou que os vírus da covid e da gripe não partilham informação e que, por isso, o risco de o novo coronavírus evoluir para uma variante mais perigosa não aumenta. "Trata-se de vírus de espécies completamente diferentes, que usam receptores distintos para infectar, e não há muita interacção entre eles", disse o especialista.